

Irão: O Quarto Reich

Versão 2.2

**O Eixo de Insurreição Hamas-Hezbollah-Síria-Irão-Iraque:
“trocós” sem importância ou um “Quarto Reich”
por Mark Langfan**

by Mark Langfan

É agradavelmente confortável acompanhar o Eixo de Insurreição Hamas-Hezbollah-Síria-Irão-Iraque como um grupo discreto e dispar de movimentos políticos/terroristas. Porque ver de outra forma a insidiosa amálgama como uma única máquina militar e política coerente seria admitir uma realidade impensável e obscura: que existe actualmente um Quarto Reich com capacidade nuclear crescente que está prestes a devastar e destruir o mundo Judaico-Sunita-Cristão-Budista-Hindu. Tal conclusão viria destruir a falsa aparência actualmente existente que isola as insurreições do Iraque, do Hamas e do Hezbollah umas das outras, assim como do apoio militar e soberano vital da Síria e do Irão aos dois últimos. A triste realidade é que a guerra entre Israel e o Hamas/Hezbollah e a componente da insurreição no Iraque apoiada pelo Irão são dois lados da mesma moeda, que tem como fonte o crescente Eixo Iraniano do Quarto Reich, contra a América e o Mundo.

Portanto, resta saber se esse Quarto Reich Iraniano efectivamente existe. E vários tipos de “especialistas” vão responder colectivamente que não. Entoarão piamente o refrão de que “a Síria é Alawita e o Irão é Xiita”, portanto, não há possibilidade de criar entre ambos um “Eixo” que funcione. Em primeiro lugar, os Alawitas são uma seita secreta dos Xiitas que tem as suas origens no Imã Xiita Hasan al Askari, que viveu no século IX. Esta seita Xiita Alawita minoritária, existente na Síria, oprime a vasta maioria de Sunitas do país. Além disso, historicamente, as correntes ante bellum da II Guerra Mundial necessitaram que a Alemanha e a Itália tivessem interesses exactamente alinhados para funcionarem como um “Eixo”? Não. De facto, em termos actuais, a Síria corresponde à Itália, como elemento mais fraco, enquanto o Irão corresponde à Alemanha, como elemento mais forte do Eixo do Quarto Reich. Numa assustadora e sinistra semelhança, nos anos

30 do século passado, Mussolini aparentava quase ser parceiro igualitário de Hitler, no Eixo, tal como Assad, agora, parece ser parceiro igualitário do Irão. A realidade de então é como a realidade de agora; então, havia um Fuehrer, agora, esse “Fuehrer” é o presidente iraniano Ahmadinejad e a sua cabala de Mahdistas do fim dos tempos. Na verdade, o Irão está a usar a Síria – tal como a Alemanha usou a Itália – para facilitar os seus movimentos estratégicos iniciais nos “anos 30”, para que nos “anos 40” o Irão assuma a liderança. O apoio do Irão à guerra ilógica e desnecessária do Hezbollah pode não ter como objectivo disfarçar o problema nuclear iraniano, mas puxar irremediavelmente a Síria para um abraço abominável, tal como a Alemanha puxou a Itália para o seu Eixo na Guerra Civil de Espanha. Além disso, a aquisição para breve do Líbano, por parte da Divisão

Waffen SS do Irão (também conhecida como Hezbollah) mais não é do que uma versão Xiita moderna da Anschluss (também conhecida como violação) Nazi da Áustria.

Em resumo, os elementos aparentemente díspares do emergente Quarto Reich proporcionam uns aos outros um eixo, defendem-se mutuamente como eixo e lutam uns pelos outros como eixo integrado: portanto, são um eixo. Só porque o Irão não disparou abertamente mísseis do seu território contra Israel não significa que o seu fornecimento de materiais, mão-de-obra e “assessores” técnicos, bem como a sua “permissão” espiritual, não seja o fundamento essencial e soberano da guerra aberta que o Hezbollah declarou a Israel. Da mesma forma, só porque o Irão não enviou soldados iranianos, em uniformes iranianos, para o Iraque, para matar soldados americanos,



isso não quer dizer que não foi o fornecimento logístico iraniano de Dispositivos Explosivos Improvisados letais, bem como o apoio monetário e em mão-de-obra à insurreição iraquiana como poder soberano, que matou e mutilou centenas de soldados dos EUA e que constituiu o ponto-chave da destabilização do Iraque. Essa guerra silenciosa mas extremamente letal que o Irão trava com os EUA no Iraque tem como objectivo claramente definido levar a uma derrota militar catastrófica dos EUA no Iraque. É claro que os esforços elementares maléficos do Irão nas arenas de Gaza, do Líbano e do Iraque não são actos isolados, mas uma guerra com objectivos, integrada e com um enfoque, tendo como intenção específica a destruição dos interesses militares e estratégicos dos EUA no Golfo Pérsico e no Mundo.

Como importante diversão, a ameaça bélica de Saddam apenas mascarou o perigo paralelo, verdadeiro e muito maior, de um Irão islamo-nazi que incubava em silêncio, alimentado pela tecnologia nuclear russa em troca de transferências de dinheiro. A Rússia, em 1940, vendeu o petróleo essencial para a máquina de Blitzkrieg inicial de Hitler contra a França e a Inglaterra. Por sorte, a

destruição do temido Saddam acabou por levar o endinheirado Irão a aparecer na ribalta para que o Mundo visse e reconhecesse como mal palpável que o Irão proto-nuclear se tinha efectivamente metastizado num imparável Quarto Reich iraniano com armas nucleares. Além disso, a destruição de Saddam não causou qualquer diferença na trajectória iraniana, que data de há décadas, relativamente à aquisição de armas nucleares. Bushehr, por exemplo, foi contratada com os Russos em 1995. De facto, aconteceu exactamente o contrário do que seria de esperar; sem o medo de Saddam, o Irão afirmou aberta e repetidamente as suas ambições e intenções de adquirir um arsenal de armas nucleares, caso fosse “ameaçado”.

Não obstante, se existir realmente um Quarto Reich Xiita, as consequências são imediatamente graves, dramáticas e terríveis. Acima de tudo, a Síria, moderna reincarnação da Itália fascista, torna-se imediatamente o inimigo de jure dos EUA. Que a Síria é o fornecedor crítico tanto da insurreição iraquiana como da insurreição do Hezbollah já não é um segredo de Polichinelo passível de ser ignorado pelos EUA. A Síria é, na realidade, o fornecedor chave e o refúgio territorial que apoia as guerras de insurreição do Hamas, do Hezbollah e do Iraque. Assim sendo, a Síria é um beligerante activo e de propósitos bem definidos contra os EUA e Israel, já não sendo um passivo e “inocente espectador”.

Na realidade, o facto de os EUA e Israel tratarem despreocupadamente a Síria como um “inocente espectador” das insurreições do Hamas, do Hezbollah ou do Iraque vai assegurar uma dupla derrota a Israel, na sua guerra de atrito com o Hamas/Hezbollah, e aos EUA, na sua guerra contra a insurreição iraquiana. Assad filho verá o seu apoio a ambas as frentes não só como um apoio “sem custos” para o seu regime, mas também como forma de reforçar a sua legitimidade. Assad vai, portanto, pensar que é uma figura saliente, como Mussolini, redobrando os esforços e alimentando as chamadas de ambos os conflitos. Na realidade, os EUA necessitam de lhe dar a provar o mesmo tipo de Operação El Dorado Canyon que Reagan, através de Bush, fez provar a Kadafi. Essa pode ser a única coisa necessária para desencorajar o jovem cúmplice do Irão e cortar as linhas de fornecimento mais importantes que alimentam as Insurreições a partir da Síria. Caso contrário, a desastrosa inacção tanto dos EUA como de Israel vai permitir ao jovem Assad que se engane, pensando que é o rei Assad mais velho, em lugar de perceber o que realmente é: um peão iraniano. Ao mesmo tempo, as populações Sunitas do Iraque, portanto, têm um interesse de sobrevivência claro em erradicar os elementos de insurreição d’al-Qaeda importados da Síria e, de facto, em proteger as tropas norte-americanas. Isto porque, se os EUA se retirarem, os Sunitas iraquianos serão aniquilados em ambos os eixos: sírio e iraniano.

Dispositivos Explosivos Improvisados iranianos: DEIs



O DEI

(Gráfico acima)

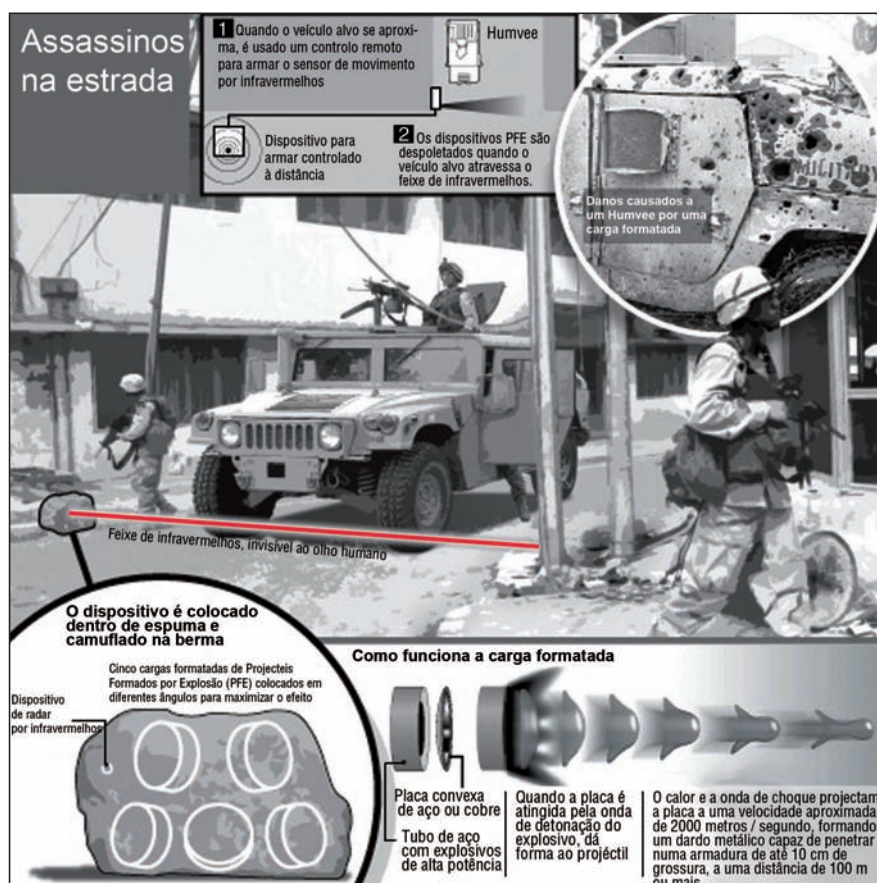
Fonte: *The Sunday Telegraph*, por Toby Harden, datado de 20/08/2006

A cena

(Gráfico à direita)

Fonte: *The Sunday Telegraph*, por Toby Harden, datado de 30/04/2006

© The Sunday Telegraph 2006



O fracasso dos EUA em dar imediatamente uma resposta militar e política à realidade de um Quarto Reich neste momento será ainda mais irrevogavelmente devastador para a paz e segurança mundiais do que quando ignoraram o fortalecimento exponencial do Terceiro Reich nos anos 30. Nessa época, havia vastos oceanos defensivos e a Alemanha não possuía potencial nuclear nem acesso e controlo alargados sobre o petróleo. Nos nossos dias, a realidade é exactamente o oposto: o Irão é uma potência nuclear a desabrochar e o Quarto Reich iraniano está situado sob vastas jazidas de reservas de petróleo. Além disso, o Irão permite-se controlar reinos fantoche Sunitas cujos volumosos recursos naturais estratégicos são indispensáveis para a economia global dos nossos dias. A área tem, em depósito, dois terços das reservas conhecidas de petróleo e, portanto, não é um “Vietname”. Assim sendo, o Irão possui e influencia uma alavancagem económica incalculável sobre superpotências como a China e a Rússia. Por fim, devemos adicionar a esta mistura volátil o facto lamentável de que a LOUCURA, para o Irão, não age como impedimento mas como incentivo. Em suma, não se trata de uma imagem agradável.

Nos nossos dias, o Irão vê correctamente a existência de Israel como uma projecção de facto do poder militar norte-americano e como o único obstáculo à sua futura hegemonia no Médio Oriente e no mundo, tal como Hitler viu a Grã-Bretanha como único obstáculo à sua hegemonia na Europa. O Irão aprendeu com o erro da Alemanha na II Grande Guerra e com o erro de Saddam nos anos 90, e não está a desperdiçar tempo ou energia em

ocupar uma França derrotada ou em consolidar um Médio Oriente fracturado antes de tentar destruir a base avançada dos EUA equivalente à Grã-Bretanha depois da II Guerra Mundial: Israel. De facto, a balcanização ostensiva dos reinos Sunitas ricos em petróleo proporciona uma falsa aparência de divisão estratégica que mascara a verdadeira força que o Irão acumula. A destruição final de Israel pelo Irão prejudicará a capacidade norte-americana de combater uma guerra que possa ganhar, mesmo antes de essa guerra começar. Em consequência, os EUA podem esperar fortes guerras de atrito, feitas por exércitos armados pelo Irão, contra Israel e as forças norte-americanas, para fazer desaparecer o único obstáculo ao que será a hegemonia total no Médio Oriente. Ou, em alternativa, na sequência de uma derrota/retirada catastrófica dos EUA no Iraque, o Irão vai sem dúvida ocupar militarmente o território do Sul do Iraque até à Jordânia. Colocará, então, uma espada de Dâmocles sobre as cabeças da Arábia Saudita, do U.S. CENTCOM no Qatar e de toda a 5ª Esquadra dos EUA no Bahrain.

A menos que os EUA deixem de brincar, tomem medidas e se protejam já, e a si e aos seus aliados, contra a possibilidade de um Quarto Reich, os “anos 30” podem rapidamente tornar-se os “anos 40” ou os “anos 50” com o Irão a sair vencedor.

Mark Langfan tem inúmeros artigos publicados sobre assuntos militares de Israel. Este artigo (versão 1.0) foi publicado no 'Jewish Voice and Opinion' (Voz e Opinião Judaicas) de Janeiro de 2007.

Derrota/Retirada dos EUA no Iraque – Cenário de Pesadelo da Expansão do Irão

Primeira Fase: Operação Crescente de Dâmocles

Na sequência de uma falha catastrófica das forças dos EUA no Iraque, que levem a uma retirada total do Iraque, o Irão enviará uma força de intervenção "ligeira" de Guardas Revolucionários Al Quds com armamento pesado através do sul do Iraque até às fronteiras 1) da Síria, 2) da Jordânia e 3) da Arábia Saudita. Uma vez consolidadas as posições, os Iranianos darão seguimento com o envio de uma força de intervenção "pesada" de veículos ligeiros altamente blindados para limparem qualquer presença Sunita remanescente.



Segunda Fase: A Shamshir de Mahdi

- 1) O exército ligeiro/de pára-quedistas do Irão faz ataques relâmpago, em arco, do Iraque até Dhahran para impedir qualquer contra-ataque dos EUA enviado por terra a partir de Dhahran e para ameaçar a ocupação do Quartel-general da 5ª Esquadra dos EUA, no Bahrain.
- 2) O Quartel-general A dos EUA no Qatar (2a) dirige virtualmente todos os recursos aéreos para proteger o QG da 5ª Esquadra dos EUA e o próprio QG A dos EUA, bem como para efectuar uma Evacuação de Guerra de Emergência da 5ª Esquadra dos EUA e do restante Grupo de Batalha de Porta-Aviões para fora do Golfo Pérsico, solicitando à Força Aérea de Israel que forneça fogo de cobertura em massa sobre as forças iranianas (2b) para tornar mais lento o avanço.
- 3) O Irão consolida o ataque e continua no vector sudeste, descendo o Golfo Pérsico e ameaçando o QG A dos EUA.
- 4) Com o apoio do Controlo Aéreo de Israel, o QG A dos EUA é evacuado (4a) para o QG B EUA/NATO de recurso (4b) nas antigas bases aéreas israelitas do Sinai, há muito evacuadas, que necessitam de ser renovadas e reparadas imediatamente a expensas da Arábia Saudita e sob controlo operacional exclusivo dos EUA/NATO, para proporcionar um ponto eficaz de retirada e contra-ataque, em caso de ataque por parte do Irão. Além disso, a NATO deve concordar, no caso de uma “activação” do QG B dos EUA /NATO, face a um ataque iraniano à península saudita, que todas as obrigações mútuas e recíprocas de defesa da NATO sejam despoletadas, incluindo as da Turquia.
- 5) O Irão dirige-se a oeste, em direcção a Riade (5a), e/ou percorre a costa, através dos EAU (5b), para concretizar o objectivo estratégico de Omã e assim controlar a margem sul do Estreito de Ormuz, selando o Golfo Pérsico e impedindo a

passagem de qualquer vaso de guerra dos EUA que ainda se encontra no Golfo.

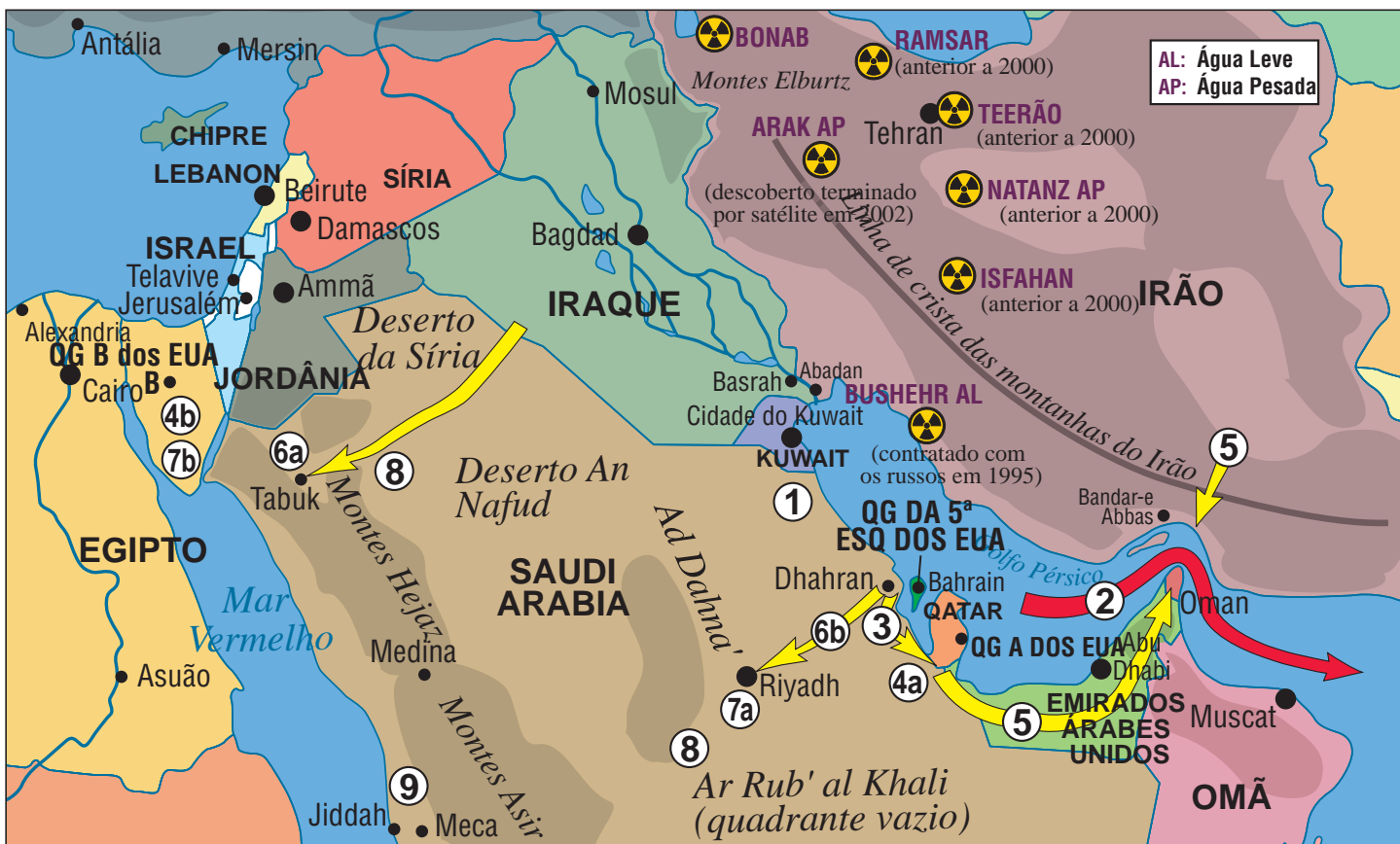
6) Se o Irão atacar num vector sudoeste a partir do Iraque, através do deserto da Síria até Tabuk (6a), ou no vector oeste a partir de Dhahran até Riade (6b), o objectivo dos iranianos será a captura dos lugares santos de Medina e Meca. A Força Aérea de Israel deve, então, lançar um ataque em massa sobre estas forças, de forma a permitir às Forças dos EUA o tempo e o espaço tácticos necessários para que o QG B dos EUA/NATO se reorganizem para o contra-ataque.

7) A Força Aérea Saudita deve efectuar uma retirada imediata para o QG B dos EUA/NATO, para permitir que a sua maioria militar seja efectivamente aproveitada e integrada no comando e controlo dos EUA para um contra-ataque.

8) Qualquer movimento iraniano no deserto sírio, ou em direcção a oeste, de ou para Riade, pode então ser neutralizado a partir do QG B dos EUA/NATO totalmente activado e operacional, com todas as forças aéreas da região, incluindo as de Israel, a serem assumidas por um comando unificado e colocadas em serviço.

9) Sob total, e apenas total, controlo aéreo e supremacia dos EUA sobre o quadrante sudoeste da península Saudita, as forças terrestres podem ser enviadas para Jiddah de forma a estabilizar o espaço terrestre saudita.

Como nota final, a linha da crista dos montes iranianos proporciona uma defesa aérea topográfica natural, o que torna o núcleo interior do Irão relativamente impenetrável a um ataque aéreo. Qualquer plano de ataque contra o Irão deve englobar um plano de contenção a longo prazo do tipo periférico estilo anaconda, semelhante ao usado na Guerra Civil dos EUA.

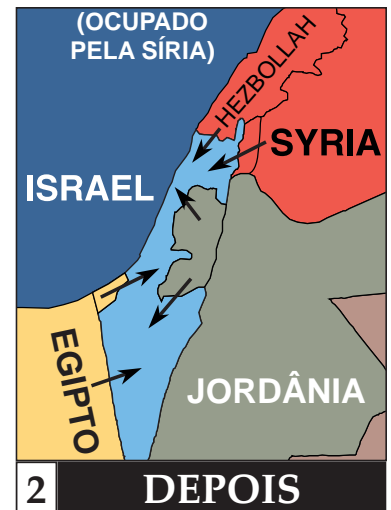


O VALOR ESTRATÉGICO DE ISRAEL

CENÁRIO DE GUERRA AO TERROR PÓS 11 DE SETEMBRO



Um Estado palestino com a Cisjordânia / Gaza desmilitarizada transformará Israel de uma mais-valia estratégica para os EUA e baluarte contra o Terror no Médio Oriente, capaz de se defender a si próprio, numa responsabilidade indefesa para os EUA, que atrai ataques e é incapaz de se defender, muito menos de projectar o poder militar norte-americano.



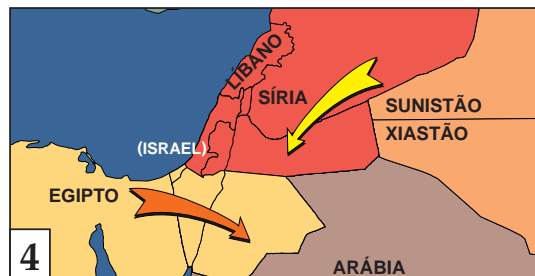
1. ISRAEL como mais-valia estratégica para os EUA capaz de se defender: Com os Montes Golã (a), os montes da Cisjordânia (b) e a Faixa de Gaza (c) sob controlo militar israelita, Israel está imune a ameaças existenciais a curto e médio prazo.

2. ISRAEL como responsabilidade indefesa estratégica para os EUA, atraindo ataques: Sem os Montes Golã, a Cisjordânia e a Faixa de Gaza sob controlo militar israelita, mas sob controlo árabe hostil, Israel fica estrategicamente vulnerável e exposto a ameaças existenciais a curto prazo. Um tal conflito é alimentado por contínuos ataques terroristas árabes contra Israel.



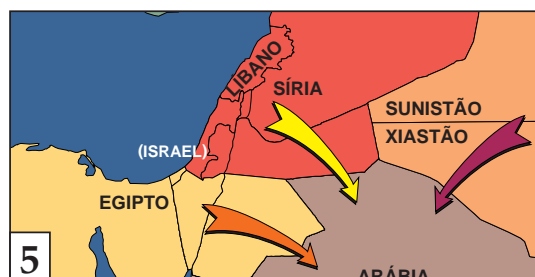
3. ISRAEL: o primeiro dominó

Sem as defesas naturais das montanhas dos Golã e da Cisjordânia, e com a capacidade de mobilização de Israel degradada, Israel seria facilmente destruído e ocupado pela Síria e pelo Egito. Mesmo um Estado palestino fortemente militarizado seria incapaz de conter militarmente os Sírios e os Egípcios. O Hezbollah, os Sírios e os Egípcios, todos procurariam ocupar a ambicionada Jerusalém.



4. JORDÂNIA: o segundo dominó

Sem Israel como protector estratégico, a Jordânia seria facilmente derrotada pelo poder militar do Hezbollah, da Síria, do Egito e do Xiastão/Irão. A Síria, actualmente, vê a Jordânia como Síria do Sul e poderia cumprir a sua visão de Destino Manifesto.




5. ARÁBIA SAUDITA: o terceiro dominó


Com o poderio militar, mas a falta de petróleo, dos Egípcios e dos Eírios, por um lado, e o Xiastão/Irão na fronteira norte da Arábia Saudita, esta deixaria de existir. Sem o controlo amigável do Canal de Suez, os poderes ocidentais ficariam impossibilitados de ajudar ou defender a Arábia Saudita.

Imprimir
 
**República
islâmica**

 Líder supremo do Irão,
Khamenei

Foto: Reuters


 clique aqui para
aumentar o tamanho
da letra


 clique aqui para
reduzir o tamanho
da letra

*Mestre, quem é
'moderado' e
quem é
'extremista'?"*

*"Gafanhoto, com
'moderados' como
estes, quem
necessita de
'extremistas'?"*

Nota Bene por ML

Khamenei: Israel divide o mundo muçulmano

O supremo líder iraniano afirmou ao presidente paquistanês Musharraf que “o regime sionista foi criado pelo Oeste para dividir o mundo muçulmano”; e afirmou que os problemas da região terminarão quando “a era de agressividade dos americanos e os crimes sionistas terminarem”.

DudiCohen

“O estabelecimento do regime sionista foi um acto levado a cabo pelo Oeste para criar um conflito permanente no mundo muçulmano”, disse o líder espiritual supremo do Irão, Ayatollah Seyyed Ali Khamenei, na segunda-feira durante uma reunião com o presidente do Paquistão, o General Perves Musharraf, em visita ao país.

Musharraf, que chegou recentemente a Teerão, ouviu Khamenei descrever o apoio norte-americano e britânico a Israel como incentivo a continuarem a cometer crimes contra o povo da Palestina.

“Qualquer plano que envolva o Médio Oriente não pode ter sucesso enquanto a era da agressividade dos EUA e os crimes sionistas não terminarem”, afirmou Khamenei.



Ahmadinejad (esq.), Musharraf e Khamenei em Teerão, na segunda-feira (Foto: AFP)

Khamenei também salientou o problema palestino, dizendo que a fraqueza de Israel se tornou aparente durante a guerra com o Líbano, enquanto a posição do governo do Hamas “contra os ‘Sionistas’ está a contribuir para mostrar o caminho para o problema da Palestina”.

328 centrífugas na fábrica nuclear de Natanz

Entretanto, a diplomacia europeia reportou, na segunda-feira, que o Irão instalou duas cascatas de 164 centrífugas cada na sua fábrica nuclear subterrânea, lançando uma base para o enriquecimento em larga escala de urânio e elevando a parada no braço de ferro com o Oeste.

As cascatas vão ser testadas em breve, sem urânio no interior, e o material combustível será adicionado se os testes forem bem sucedidos, afirmaram. As 328 centrífugas são precursoras das 3000 planeadas para instalação nos próximos meses.

O Irão terminou recentemente de instalar a canalização, cabos eléctricos e outro equipamento necessário para iniciar o enriquecimento dito “à escala industrial” no vasto complexo subterrâneo situado no centro do deserto iraniano, que está fortificado e rodeado por armas antiaéreas.

Imprimir 

Ameaça estratégica



Presidente Ahmadinejad

Foto: AP



clique aqui para aumentar o tamanho da letra



clique aqui para reduzir o tamanho da letra

Irão: Israel e os EUA perecerão em breve

Ahmadinejad: Asseguro-vos de que os EUA e Israel deixarão de existir em breve

Yaakov Lappin

Israel e os Estados Unidos serão destruídos em breve, afirmou o Presidente do Irão, Mahmoud Ahmadinejad, na terça-feira, durante uma reunião com o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Síria, segundo relata o website da Radiodifusão da República Islâmica do Irão (IRIB). A agência noticiosa oficial FARS do Irão também noticiou os comentários.

"O Presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad... assegurou que os Estados Unidos e o regime sionista de Israel chegarão em breve ao final das suas vidas", terá dito o Presidente iraniano.

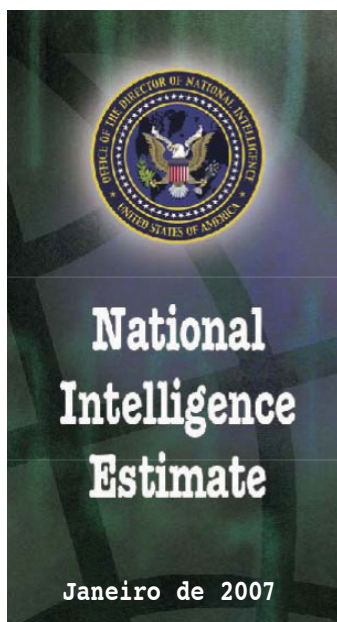
"Espalhar a discórdia entre muçulmanos, especialmente entre Xiitas e Sunitas, é um enredo dos sionistas e dos EUA para dominarem as nações da região e roubarem os seus recursos", afirmou Ahmadinejad, de acordo com o relato.

O Presidente iraniano também associou directamente os eventos no Líbano a um plano mais amplo destinado à destruição de Israel. Apelou aos "países da região" a "apoiarem a resistência islâmica do povo libanês e a lutarem para aumentar a solidariedade e a unidade entre os diferentes grupos palestinos, de forma a preparar o caminho para minar o regime sionista, cuja derrocada está, evidentemente, iminente."

Nos últimos meses, Ahmadinejad tem várias vezes ameaçado o Estado de Israel com a aniquilação, e juntou recentemente os EUA e a Grã-Bretanha à lista de países que afirma que serão destruídos.

O Ministro dos Negócios Estrangeiros da Síria, Wailed Mualem, acusou os EUA de tentarem levar a cabo um "massacre de muçulmanos" e de "semear a discórdia entre as fés islâmicas na região".

Mualem apelou aos "Estados da região para prepararem o caminho para o estabelecimento da paz e tranquilidade... ao mesmo tempo que evitam qualquer genocídio de muçulmanos", afirmou o website da IRIB.



Perspectivas de estabilidade para o Iraque: o desafio de um caminho futuro

Os vizinhos do Iraque influenciam e são influenciados pelos eventos no interior do Iraque, mas o envolvimento destes actores externos não parece que seja um dos principais motores da violência nem de perspectivas de estabilidade, dado o carácter auto-sustentável da dinâmica sectária interna do Iraque. Não obstante, o apoio letal do Irão a grupos seleccionados de militantes Xiitas no Iraque intensifica claramente o conflito nesse país. A Síria continua a proporcionar refúgio a militantes iraquianos do partido Baath e a tomar medidas em tudo inadequadas para parar o fluxo de jihadistas estrangeiros para o Iraque.

Se uma retirada rápida viesse a ter lugar, consideramos que seria pouco provável as Forças de Segurança do Iraque sobreviverem como instituição nacional não sectária. Os países vizinhos – convidados pelas facções do Iraque ou de forma unilateral – poderiam intervir abertamente no conflito.